



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Ciências Médicas

Departamento de Medicina Preventiva e Social

Gabriela Vasconcelos Fontes Rocha Côrtes

O Clube dos Saberes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Aprimoramento Profissional de Saúde Mental em Saúde Coletiva, sob orientação da prof.^a Dra. Rosana T. Onocko Campos e do prof^o Ms. e Doutorando Alberto Giovanello Diaz.

Campinas
2012

“Um direito-de-ser tomou-a, como se ela estivesse acabado de chorar ao nascer. Como?”...

Clarice Lispector

SUMÁRIO

MEU PROCESSO DE INSERÇÃO.....	01
CAPS (DES)INTEGRAÇÃO?.....	02
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	06
O CLUBE DOS SABERES.....	07
ANÁLISE DE UMA DAS OFICINAS.....	09
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	11
O PROJETO E MINHAS IMPLICAÇÕES: Por que propor um Clube dos Saberes?....	13
ANEXOS: Descrição das demais oficinas.....	15
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	21

Meu processo de inserção

Vim a Campinas/Unicamp, recém-formada em psicologia, com o intuito de aprimorar-me profissionalmente. Saúde Mental é o campo que me intriga, no qual me interessava investir, mas tinha medo do que podia encontrar.

A minha escolha pelo campo de estágio do aprimoramento foi pautada primeiramente pela vontade de vivenciar a dinâmica institucional de um Caps III, possibilitando uma proximidade intensa com a loucura, com a crise, com o cuidado intensivo; com a vida no seu aspecto mais nu e cru.

Dentre os Caps III que visitamos me interessei em fazer estágio no Caps Integração devido à apresentação que uma profissional fez do serviço. Pautada pela ética do cuidado, uma relação permeada de afeto, confiança e autonomia com os usuários durante o encontro e por uma postura crítica em relação ao próprio serviço, a apresentação dessa profissional me cativou. Preocupada em encontrar serviços atravessado prioritariamente por práticas manicomialis, acreditei que no Caps Integração encontraria um tratamento pautado na reabilitação psicossocial, resgate da cidadania, autonomia, no empoderamento do sujeito com sofrimento psíquico. E pelos dispositivos presentes naquele território, havia uma expectativa de um trabalho investido na articulação da rede assistencial, em uma perspectiva de clínica ampliada.

Minha inserção no Caps Integração ocorreu a partir de uma postura de aprendiz; tinha em mente que teria muito o que aprender com aquela equipe de trabalho. Porém, em alguns momentos acredito que essa postura se confundia com uma certa passividade, por não dar credibilidade, no início desse processo, aos meus próprios saberes e às minhas próprias potencialidades.

Contudo, nesse processo, fui me deparando com alguns profissionais já cansados e queixosos, outros adoecidos; alguns querendo mudar de emprego, outros ainda empenhados em promover mudanças no processo de trabalho. Dava-me uma forte sensação de um processo de *desintegração*; uma equipe passando por um momento de crise institucional, sedenta de cuidado e investimento. E eu querendo ser investida por ela, de uma maneira quase que unilateral: mudei de postura!

Caps (des)Integração?

Desde o início de minha inserção no Caps Integração, a problemática do *portão* sempre esteve em pauta. Em alguns dias não houve porteiro, devido às faltas, Licença para Tratamento Saúde (LTS), assim como pedido de demissão; durante o ano de aprimoramento três diferentes funcionários ocuparam esse cargo. E em um período do dia não se prevê funcionário específico para exercer essa função (das 17hs às 19 hs), cabendo à equipe se organizar para exercê-la.

Esses foram motivos de queixas contínuas da equipe, que se intensificou a partir do episódio de sumiço de um usuário do serviço, Antônio (*nome fictício*). Ele passava por um período de tratamento intensivo - permanência dia – e evadiu-se no período das 17hs às 19hs. A família, que não se envolvia com o tratamento do familiar - segundo os profissionais -, denunciou o sumiço e chamou o programa de TV “Chuta o Balde” para fazer uma reportagem sobre o serviço prestado pelo Caps Integração; as críticas da família ao Caps, durante o programa foram muito severas e segundo a equipe, irreais. A gestora do Caps e os profissionais envolvidos elaboraram um documento respondendo às críticas, mas a equipe ficou revoltada e abatida com a situação. O usuário foi encontrado depois de aproximadamente duas semanas, devido a esforços desses profissionais, mas esse fato não foi reconhecido pelos familiares do usuário e também não apresentou muita repercussão entre os próprios funcionários do serviço.

Este evento, assim como os demais acontecimentos que envolvem o portão do serviço, são *analisadores*, na medida em que elucidam aspectos dessa equipe de trabalho que permanece oculto; revela a estrutura de organização do serviço e provoca-a a falar (René Lourau). E do que se fala?

Nesse processo a equipe ficou intensamente mobilizada. A problemática do portão passou a ser discutida, e em muitos momentos lamentada, pelos profissionais em diversos espaços: sala de equipe, passagem de plantão, horário de almoço, reunião de mini-equipe, até ser pautada, enfim, em uma reunião de equipe. Queixavam-se de uma dinâmica de trabalho estressante, intensificada pela responsabilidade de controle do portão, barulho do interfone, três telefones tocando, mais o barulho usual da sala de equipe. Fala-se, portanto, de um processo de trabalho exaustivo.

Chamou-me a atenção que nesta reunião de equipe muito se discutiu sobre a situação do portão, mas não houve espaço para se questionar o próprio portão ou em

que medida a função do porteiro é necessária. Qual seria o significado de “*fugir*” de um Centro de Reabilitação Psicossocial (CAPS)? Qual tem sido o coeficiente de permeabilidade e troca entre o trabalho interno do Caps e a comunidade/sociedade? E qual o significado de “*tratar*” dentro de um Caps?

Caps é uma instituição de tratamento. Instituição é o conjunto das formas e das estruturas sociais instituídas pela lei e pelo costume; ela nos inscreve no social, o que nos permite sermos seres falantes e desejantes, regula as nossas relações e se impõe a nós, se registrando na permanência. Freud anuncia em alguns de seus textos - *Totem e Tabu* (1912) e *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) - a hipótese de que a nossa própria vida psíquica supõe a instituição. Assim,

“a instituição nos precede e nos introduz na ordem da subjetividade, predispondo as estruturas de simbolização: pela apresentação da lei, pela introdução na linguagem articulada, e pelos procedimentos de aquisição dos referenciais identificatórios” (Kaes, 1991, pp. 29).

Dessa forma, paradoxalmente, uma parte do sujeito, que o mantém na sua própria identidade e que compõe o seu inconsciente, não lhe pertence propriamente, mas às instituições sobre as quais se apóia e que se mantêm por esse apoio. (Kaes, 1991, pp. 23). Esse depósito de aspectos psíquicos no exterior propicia a emergência de novas formas de vínculos, de pensamento e (re)constituição dos panos de fundo-psíquico.

Essa exteriorização e depósito de um espaço interno trata-se de um investimento narcísico, que nos mantém na malha social e nos protege da angústia e do caos. O gestor do serviço, líder, encarna a função psíquica intermediária de articular o espaço psíquico do sujeito singular e do espaço psíquico constituído pelo seu agrupamento na instituição (Kaes, 1991, pp.33).

Percebo que em situações vivenciadas - como a de sumiço de usuário - em que a equipe é solicitada a trabalhar de forma coesa, firme e segura, com respaldo da gestão (coordenação e apoiadores), percebi que surgem falas que apontam para um estado de insegurança e desamparo, “*vai sobrar pro Caps*”, assim como uma sensação de *ameaça de punição* (da Justiça, do Conselhos de Classe, da Gestão, enfim).

A *sensação de ameaça à equipe* também aparece em elucubrações de que sujeitos poderiam entrar no serviço e colocar em risco os profissionais. Ou mesmo quanto se pactua a restrição do número e do horário para se fazer triagens no serviço, e

na dificuldade de investir na relação com a comunidade e outros serviços do território. Parece haver um medo do que pode vir de fora e desestabilizar a equipe, desintegrá-la.

Segundo Kaes (1991),

[...] A preocupação da defesa da equipe de tratamento contra os perigos reais ou imaginários ligados à realização do tratamento mobiliza todas as energias disponíveis e transforma a organização institucional. A consequência de tais derivas é que a instituição protege os seus sujeitos contra a realização da tarefa deles (pp.55).

Dessa forma, pode-se pensar que o sentimento de exaustão e esgotamento da equipe também poderia vir do movimento de defesa da mesma. Tal esgotamento aparece na fala explícita dos profissionais, como também no número de profissionais adoecidos e com pedido de afastamento por licença saúde (LTS); além disso, tem sido constante a saída de profissionais da equipe, não só dos porteiros – como descrito acima – como de profissionais de outras categorias. Tenho a sensação de me deparar com o *Caps Desintegração!*

A insegurança, o sentimento de desamparo, aparece na procura de respaldo e confiança no papel da gestora. Nas situações em que não encontram, ou há dúvida, ocorre um *movimento de proteção/defesa*, um mecanismo de autoconservação, na medida em que a solução encontrada mostra-se a redução das atividades oferecidas pelo serviço ou diminuição de permeabilidade de troca com o que é externo ao Caps.

Quando a instituição não sustenta mais o narcisismo dos seus membros – quando, por exemplo, o objetivo primário da instituição (neste caso, tratar) os expõe a ataques e a perigos violentos – a instituição então é atacada. E as atacamos porque somos traídos entregues ao caos, abandonados por elas, cuja presença silenciosa nem sequer percebíamos (Kaes, 1991).

Esse ataque é uma demonstração de sofrimento. E Kaes (1991) aponta que uma fonte constante de sofrimento está associada às perturbações da constituição da ilusão:

“a falha de ilusão institucional priva os sujeitos de uma satisfação importante e debilita o espaço psíquico comum dos investimentos imaginários que vão sustentar a realização do projeto da instituição, dispor a identificação narcísica e o sentimento de filiação a um conjunto suficientemente idealizado para enfrentar as dificuldades internas e externas” (pp. 53).

Ilusão institucional esta que sustenta o risco e os sacrifícios aceitos para poder participar dessa instituição. Com a possibilidade abalada de sustentar os riscos, a equipe desinveste de “qualquer possibilidade de enriquecimento dialético fundado na alteridade do grupo” (Guattari, 1987, pp. 101).

As queixas e lamentações dos profissionais em relação ao processo de trabalho predominam nos espaços informais; pode-se dizer que prevalece o não-dito (Lourau). Quando pauta-se a temática em instâncias de decisões, prevalece a postura defensiva da equipe. Observa-se emergências desorganizadoras provocadas pelo desregramento institucional, como: discussão exaustiva e repetitiva, paralisia na capacidade de pensamento, raiva, ataques concentrados contra o processo de vinculação, acting e somatizações (Kaes, 1991). Assim, parece difícil para esta equipe evocar tais questões na ordem da fala, com a possibilidade de elaboração e produção de mudanças, o que explica o surgimento dessa gama de sintomas.

Esta ‘corporalização imaginária’ de um certo grupo de articulações significantes do grupo, sob pretexto de organização [...] ou também de incapacidade, de falta de qualificação, etc., faz cristalizar o conjunto da estrutura, entrava suas capacidades de remanejamento, lhe dá rosto e seu ‘peso’, limitando na mesma proporção suas possibilidades de diálogo com tudo que pudesse questionar suas ‘regras do jogo’ [...]. (Guattari, 1987, pag.. 93).

E a essa organização cristalizada, esse padrão de comportamento defensivo, e pouca permeabilidade a novos questionamentos, reúne as condições de deslocamento ao que Guattari (1987) chama de grupo sujeitado. Aquele grupo pouco implicado com os próprios sintomas, e inerte a qualquer possível processo de transformação.

Os equipamentos de saúde têm a função de acolher, de intervir no caso-a-caso, porém no processo de trabalho há também um movimento que opera no sentido de haver uma insensibilização em relação ao sofrimento do sujeito, uma espécie de defesa em relação à ansiedade e sensação de impotência que surge e atemoriza os profissionais; caracteriza-se como um movimento de nos tornarmos menos sensível ao sofrimento, à singularidade, às diferenças, produzindo uma homogeneização, generalização e burocratização dos cuidados. Esse movimento é o cerne no processo de alienação, que caracteriza o grupo sujeitado.

Entretanto a distinção entre grupo sujeitado e grupo sujeito não é absoluta,

estaque (Guattari, 1987). Isso me faz pensar que em alguns momentos a equipe do Caps Integração também traz enunciados de desapego a uma hierarquização, propondo-se a realizar comunicação em diferentes níveis e diferentes sentidos, apresentado um coeficiente de transversalidade maior nesses momentos, mexendo, ainda que de maneira sutil, na estruturação desta organização.

Uma proposta de intervenção

Neste contexto institucional sugiro O Clube dos Saberes (Moura, 2003) como uma proposta de intervenção que compõem com os movimentos de investir em atividades que promovam maiores coeficientes de transversalidade dentro do Caps e que, portanto, intervém na sua estrutura organizacional.

O Clube dos Saberes pode vir a ser um Coletivo; o Coletivo por sua vez pode ser uma estratégia de desalienação. Pautado pela multi-referencialidade, o Coletivo tem a função de produzir a distintividade (o distinto, o diferente) dentro do equipamento, procurando abranger os diversos planos do processo de trabalho. Uma estratégia que enfrente o movimento da indiferenciação e naturalização da doença, do sofrimento, que também atravessam os profissionais da saúde. E para que o Coletivo aconteça é imprescindível a existência de uma diversidade de abordagens, análises, grupos e oficinas, temas relacionados ao ambiente interno da organização, como também do contexto mais amplo em que o serviço está inserido (contexto político, econômico, histórico, cultural, do município, Estado, País). Segundo Oury, um Coletivo

“produz a possibilidade de salvaguardar um certo grau de liberdade e iniciativa e, portanto, de contatos, mas, ao mesmo tempo, de «acontecimentos»”.

Assim, cria-se um campo de trocas, encontros, um sistema de redes transferenciais que possibilita a re-emergência de modos-de-ser, potencialização do processo de subjetivação, investimento nos relacionamentos e fluxo de afetos. Há, portanto, “a possibilidade de que haja um território existencial que vai se constituindo através desses diferentes componentes heterogêneos.” (Guattari, 1992).

A possibilidade de constituição de um território existencial em um paciente psicótico está atrelada a essa diversidade de espaços, propostas, olhares onde o sujeito possa se enlaçar, transferir, se aportar, já que nele há um aspecto psíquico constituinte de fragmentação/despedaçamento. Assim, os espaços devem ser múltiplos, diversos, heterogêneos para que sejam possíveis os encontros e o livre dizer, e que o usuário possa circular livremente e se re-delimitar ou alinhar alguns fragmentos. E quando digo circular livremente, refiro-me “à condição de passagem, tanto de cada um, quanto da palavra, de um lugar a outro, não como deambulação, mas como movimento suportado por um sentido e pelo desejo, ou seja, um processo de transporte, de transferência” (Moura, p.120).

O desejo, portanto, é um elemento importante do processo de constituição de um Coletivo, na medida em que as atividades têm o caráter de oferta, de convite, e não o de obrigatoriedade. E na medida em que o desejo tem espaço e legitimidade, potencializa-se o resgate da cidadania e a recuperação de novos enlaçamentos sociais a partir de signos que o inscrevam enquanto ser social e político.

O Coletivo apresenta-se, assim, como um instrumento de “ampliação da rede de contraturalidade social do usuário, demarcando individual e culturalmente a posição singular em que ele encontra meios de se apresentar à vida” (Guerra, 2004, pp.43).

Clube dos Saberes

O projeto Clube dos Saberes, enquanto um Coletivo, investe em “uma das principais conquistas da ruptura dos sistemas asilares tradicionais que é a possibilidade do surgimento do *desejo* e de seu percurso até a *fala*” (Moura, 2003) na medida em que promove um lugar para a troca de saberes entre diferentes: usuários, profissionais, familiares, comunidade; aquele que deseja ensinar algum conhecimento ou aprendê-lo tem a oportunidade expressar esse interesse, e configura-se uma oficina.

Parto do pressuposto de que todos nós temos conhecimentos diversos adquiridos ao longo da vida, e por menor que seja esse saber, ele pode ser valorizado e transmitido a alguém que deseje adquiri-lo. Segundo Bleger (1972 *apud* Moura, 2003) diz que

“Não há ser humano que não possa ensinar algo, quando mais não seja pelo simples fato de ter certa experiência de vida. Esclareçamos, além disso, que não se trata somente de aprender

no sentido limitado de recolher informação explicitada, mas de converter em ensino e aprendizagem toda conduta e experiência, relação ou ocupação” (pp. 60).

Apesar de os conhecimentos serem componentes importantes que nos constituem, há uma série de impedimentos relacionais e discriminatórios que hierarquizam os saberes e os qualificam de maneira a serem mais ou menos aceitos na sociedade. Dessa forma, muitos de nossos saberes tornam-se imperceptíveis e até esquecidos por nós mesmos, por serem tidos como desqualificados, menos importantes.

Na experiência do Clube dos Saberes pude notar que muitas pessoas se aproximavam para saber melhor sobre o projeto, principalmente usuários do serviço, e ao se verem em um lugar de ensinar, recuavam e diziam que não tinham nada para ensinar e teriam dificuldade de aprender. Mostraram-se pouco investidos em suas potencialidades, ocupando de maneira pouco reflexível e acrítica o lugar de doente.

Foi utilizado como meio de divulgar e fazer acontecer o Clube dos Saberes um cartaz com os dizeres: “O que você sabe fazer e gostaria de ensinar?”, “O que você gostaria de aprender?” e duas colunas, a primeira “Sei ensinar” e a segunda “Quero aprender”. Esse cartaz desempenha o papel de um mapa que indica os atores, conhecimentos e as diferentes atividades de compartilhamento existentes no momento. A partir desse recurso, relações em um nível de reciprocidade e horizontalidade maior podem ser estabelecidas, na medida em que cada pessoa é considerada ao mesmo tempo alguém que pode ofertar e demandar saberes.

“Neste intercâmbio, as pessoas aprendem um saber que desejam adquirir e, ao mesmo tempo, aprendem a ensinar o que sabem, através da difícil experiência de partilhar com o outro o que se sabe.” (Moura, 2003. pág.139).

A relação aprender-ensinar pauta esta estratégia de intervenção. Segundo Barros “ensinar, antes de significar mostrar sabedoria sobre algo que se considera importante transmitir, define-se por possibilitar a apreensão de diferentes modos de conhecimento e pensamento” (p.3), e aprender, mais do que incorporar informações, significa “operar sobre determinadas práticas de modo diferentes dos que se estava acostumado. É inventar outras práticas, fazer novas dobras no mundo” (p. 2). E “[. . .] só conhecemos alguma coisa à condição de nos reconhecermos e de reconhecermos alguém; aprender depende de relações e de tramas que traçam a rede desses deslocamentos [...]” (1998, p.

12 *apud* Moura, 2003).

Nesse processo de ensinar e aprender é, portanto, a diferença/diferenciação que instigará novas práticas, novos objetos e a possibilidade de se produzir enquanto sujeitos, (re)criando novas formas de estar no mundo. Fala-se, assim, de um processo de autoprodução e de produção do outro, na medida em que o saber é ontológico, ele é “produção e especificação recíprocas daquele que sabe e daquilo que é sabido” (Mony Elkaïm & Isabelle Stengers, 1994 *apud* Moura, 2003).

Para Guattari (1981 *apud* Moura, 2003) o próprio mundo ao nosso redor se modifica no momento de “tomada de consistência”, em uma perspectiva de que a consistência precede a existência. E assim, há a possibilidade de resignificar fatos/experiências, abrindo um campo de produção intensa de subjetividade, desejos, significações. E

“Quando dizemos produção de subjetividade estamos querendo apontar para seu caráter não natural, isto é, para os processos históricos de montagem das formas subjetivas. Nesta perspectiva, a subjetividade não se confunde com uma transcendência, um já-dado, um em-si, um já-aí. São processos que construirão certos objetos de interesse e conformarão modos de existir”. (Barros, pp.9).

Análise de uma das oficinas

Dentro deste projeto do Clube dos Saberes ocorreram oficinas de bordado, flor de EVA, forró, poesia e construção de bonecos. Todas ministradas por usuários do serviço. Poucos profissionais da equipe tiveram disponibilidade de participar.

Dentre essas oficinas, destaco àquela em que J.P. ensinou construir bonecos de arame e jornal como um dispositivo relevante de resignificação de experiências e abertura para produção de novas maneiras de estar no mundo.

Oficina de Bonecos

Esta oficina aconteceu com a proposta inicial de serem oito encontros, porém só terminou em janeiro, com um encontro semanal de 1h30. Foi coordenada por J.P., usuários, e teve um público participante flutuante, na medida em que se caracterizava

por ser uma atividade aberta; alguns se mantiveram do início ao fim. Por essa oficina também passaram alguns profissionais interessados pela proposta (enfermeiro, técnico de enfermagem, técnicos da limpeza). Foi uma oficina interessante, que mobilizou bastante o J.P., o qual tem hoje os bonecos como algo estruturante em sua vida, na medida em que é entorno da construção diária desses bonecos que J. estrutura a sua rotina, sempre de maneira solitária.

J. tem o histórico de ter dificuldade de aceitar regras e limites, segundo suas referências no serviço. Já foi inserido no Núcleo de Trabalho do Cândido (NOT) e na Casa das Oficinas, mas não sustentou a continuidade de sua inserção nesses serviços. Porém no espaço do Clube dos Saberes, J. apresentou bastante paciência para ensinar, respeitando o limite e ritmo de cada um. Fazia questão de ressaltar as singularidades daqueles a quem ensinava, de valorizá-las, em uma perspectiva de agir de maneira diferente daquela que agiram com ele, segundo suas próprias memórias afetivas, nos espaços de geração de renda que frequentou. J. pôde verbalizar sentimentos e afetos em relação à essas experiências durante as oficinas, dar vazão a elas, ressignificá-las, elaborando angústias e construindo um novo lugar a esses fatos em sua história.

No início das oficinas J. teve dificuldade de reconhecer que ocupava o lugar enquanto aquele que ensina. Quando solicitado a estar nesse lugar, tendia a me colocar nele: *“pergunta para a Gabriela, ela que decide”*, e eu de maneira recorrente reafirmava a proposta do Clube dos Saberes e qual era aquele espaço que estávamos construindo. J. foi chamado de *“professor”*, *“doutor”*, e esses adjetivos ora eram rejeitados: *“que isso, não sou doutor coisa nenhuma”*, ora eram aceitos e vistos como uma nova forma de estar se relacionando: *“estou gostando de ser professor! estou ensinando, mas quem mais está aprendendo com tudo isso sou eu”*. Nesse processo, J. foi aceitando a possibilidade de ocupar outros papéis, sair do lugar estrito de paciente e relacionar-se de maneira mais pró-ativa, reavivando suas potencialidades e permitindo vivenciá-las, senti-las. Um processo provocativo de produção de novas dobras no mundo, de uma nova subjetividade. E

Quando nos referimos, portanto à produção de subjetividade, estamos tomando-a em seu sentido intensivo, isto é, enquanto maneira pela qual, a cada momento da história, prevalecem certas relações de poder-saber que produzem objetos, sujeitos, necessidades e desejo”. (Barros, pp.9).

E poder saber técnicas de artesanato, ter espaço para transmiti-las e, através desse movimento, ter o reconhecimento de ser um artesão, produziu novos desejos e necessidades em J. Em um dado momento ele perguntou sobre a possibilidade de haver um certificado no final das oficinas, tanto para aqueles que participaram como para ele que ensinou; um instrumento concreto para certificá-lo da possibilidade de ocupar outros papéis sociais que não só o da doença e também que valorize suas habilidades. Ao longo das oficinas J. também começou a se identificar enquanto artesão e verbalizar novos projetos de vida: produzir bonecos para a copa do mundo, vendê-los em feiras artesanais, arrumar uma namorada, ficar no Caps Integração até 2013 e depois disso transferi o tratamento para o C.S. e ir ao Caps apenas para visitar as pessoas. Solicitou também que no último dia da oficina organizássemos uma confraternização.

E assim fizemos. Terminamos a oficina de bonecos com uma confraternização, com os bonecos terminados e com cada participante verbalizando o desejo do que fazer com seu próprio boneco produzido. E J. reitera: ***aprendi muito mais do que ensinei!***

Algumas considerações

Nessa perspectiva, O Clube dos Saberes, nesta experiência, foi um grupo dispositivo, na medida em que produziu movimento, desencadeou um processo de composição e decomposição de linhas, fluxos...possibilitando a reconfiguração de redes, sempre coletivas e singulares (Barros). Um grupo-dispositivo é disparador, fomentador, e pode proporcionar a desterritorialização das relações de saber-poder; esta desterritorialização possibilita brechas entre os saberes, as quais são produtoras de novos saberes, transformando em poder-fazer.

Porém, o Caps Integração, em alguns momentos, reforça a subjetividade submissa, passiva... corpos dóceis dos usuários, ao colocar, por exemplo, uma TV na convivência como único recurso para um enlaçamento social. A produção de subjetividades assujeitadas está relacionada às práticas manicomiais, as quais não estão necessariamente relacionadas às ações intramuros.

O investimento na produção desse modo de subjetividade revela a relação saber-poder apontada por Foucault (1979). E acredito que o projeto do Clube dos Saberes de alguma maneira toca nessa relação, evidenciando-a na medida em que promove um

maior protagonismo dos usuários, novas formas de interações, troca de papéis institucionais, desconstruindo modos naturalizados de relações de poder, em uma perspectiva de clínica ampliada.

Entendo que um dos exercícios de nosso trabalho profissional seja, necessariamente, repensar frequentemente nosso campo de ação dentro do serviço, redefinindo ferramentas, conceitos e lutando contra sua própria nocividade, quando usada indiscriminadamente. E há de se ter claro que qualquer intervenção tem sua implicação ético-política, uma vez que

“ [...] toda pretensão epistêmica é uma tomada de posição ética. Não há conhecimento sem interesse. Não há exercício conceitual sem uso de poder. Não há prática sem pressupostos e consequências políticas. (Bezerra Jr., 1992, p.9).

Dessa forma, o dispositivo “Clube dos Saberes” afirma um determinado posicionamento ético e político. Escolhe-se por promover espaços de encontros com intuito de produzir maiores coeficientes de autonomia, valorização dos sujeitos, empoderamento, construções coletivas. Em última instância pretende-se promover espaços de resistências às práticas manicomiais ainda presentes em nosso cotidiano profissional, pois ela extrapola qualquer muro de hospital psiquiátrico. E devemos estar sempre atentos à instituição manicomial que nos atravessa.

O projeto e minhas implicações: *Por que propor um clube dos saberes?*

O projeto do Clube do Saberes foi muito interessante, rico, intenso. Foram realizadas oficinas de EVA, bordado, construção de bonecos, poesia e forró. E fazendo as reflexões e elaborações teóricas a respeito desse tema, surgiram questões: *Por que propor um clube dos saberes? O que eu tenho a ver com isso?*

Início do aprimoramento: *eu*, recém-formada, insegura em relação às minhas próprias habilidades, saberes, competências; e com um incômodo latente: será que dou conta da intensidade do campo da saúde mental? Ao longo desse percurso, a leitura de Clarice Lispector foi me elucidando algumas questões.

“Ser-se o que é era grande demais e incontrolável. Lori tinha uma espécie de receio de ir longe demais. Sempre se retinha um pouco como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e levá-la Deus sabe onde. Ela se galopava. Por que e para quê? Para o que estava se poupando? Era um certo medo de sua capacidade, pequena ou grande. Talvez se contivesse por medo de não saber os limites de uma pessoa”.

(Clarice Lispector)

As rédeas já não estavam mais tão firmes. Vir para o aprimoramento em saúde mental já foi um passo importante, um passo na direção de um desejo. Disposta a identificar e enfrentar meus próprios limites, reconhecer e potencializar minhas capacidades, mergulhei na proposta do aprimoramento. E na medida em que me dispunha ao encontro com o outro: profissionais e usuários do Caps, aprimorandos e supervisores da Unicamp, encontrava comigo mesma, reconhecia-me.

“Um direito-de-ser tomou-a, como ela tivesse acabado de chorar ao nascer. Como? Como prolongar o nascimento pela vida inteira? Foi depressa ao espelho para saber quem era Loreley e para saber se podia ser amada. Mas assustou-se ao ver. Eu existo? Ela teve medo”. *(Clarice Lispector)*

E foi nesse processo de aceitação, do direito-de-ser, de enfrentamento com minha própria imagem no espelho que surgiu a proposta do Clube dos Saberes. Nada

tão racional, planejado e linear, como descrevo neste texto! Foi com o andamento das oficinas, amadurecimento da proposta, que esse deslocamento foi se dando. E quando me dei conta, tive medo! Medo da mudança, medo da proporção que esse projeto poderia tomar. E assim como os usuários me questionavam se dariam conta de coordenar uma oficina, eu me questionava se daria de conta de dar continuidade a esse projeto. Juntos demos sequência a proposta. E ela ocorreu de acordo com nossos recursos internos e externos, na medida do que nos era possível no momento. Aceitar nossas limitações nos acalmou e possibilitou ter mais acesso e potencializar nossas capacidades.

Dessa forma, acredito que a proposta e execução do Clube dos Saberes estava intimamente atrelada ao meu processo de subjetivação. Brincando com as palavras, faço um paralelo entre a oficina de bonecos com a reconstrução de novas corporificações, reelaboração de mim enquanto sujeito; a oficina de flor de EVA com o simbolismo do desabrochar da flor para esse novo momento de vida; oficina de bordado com o alinhar dos diferentes aspectos de minha história de vida, entrelaçamento do que foi, do que é, e do que pode vir-a-ser; e esse percurso sendo elaborado de uma maneira poética, sendo eu acompanhada por Clarice Lispector que foi colocando em palavras coisas que eu apenas sentia. E por fim, a oficina de forró que no balançar da dança, no encontro dos corpos, desencadeou uma experiência de oficina de auto-gestão, em que os participantes se apropriaram de seus saberes, empoderaram-se e deram continuidade na proposta, dando vazão ao fluxo de seus desejos...

“Naquela hora da noite conhecia esse grande susto de estar viva, tendo como único amparo apenas o desamparo de estar viva. A vida era tão forte que se amparava no próprio desamparo. De estar viva – sentiu ela – teria de agora em diante, que fazer o seu motivo e tema [...] Até que ponto ela ia na miséria da necessidade: trocaria uma eternidade de depois da morte pela eternidade enquanto estava viva”.

(Clarice Lispector)

Anexo: Descrição das demais oficinas

Oficina de Flor de EVA

No final de maio aconteceu a primeira oficina: Flor de EVA com N., usuária. Apesar da divulgação, os participantes das oficinas foram aqueles que estavam na convivência e se interessaram pela proposta. Participaram uma profissional, três usuários, duas familiares (mães de usuários) e uma profissional. Interessante que no transcorrer da oficina uma usuária que é bem agitada ficou mais tranquila e conseguiu ouvir as instruções. Os próprios integrantes foram se ajudando ao longo da oficina, tendo aquela que assumiu o papel de “monitora”; a própria usuária que deu a oficina foi ficando mais tranquila no decorrer do grupo, vendo que as pessoas se ajudavam mutuamente, e foi se apropriando mais do espaço/lugar de quem ensina. No final duas integrantes agradeceram enfaticamente: *“não quero perder a aula da N.”*, *“Obrigada”*. A própria N. afirmou: *“As pessoas vieram e querem mais, precisa ter mais grupos”*. No dia seguinte, N. com um sorriso no rosto, afirma que viram a flor no C.S. e acharam lindas e que ela queria fazer mais grupos. Percebi que houve uma dificuldade de mudança de papéis dentro do grupo: eu e a profissional éramos vistas como alguém que ajudaria no grupo e não como alguém que também estava aprendendo.

Oficina de Bordado

No início de junho ocorreu a oficina de bordado com A.J., usuária. Nessa oficina uma pessoa que frequenta o CECCO se interessou em participar da atividade. As outras pessoas que participaram foram convidadas no próprio espaço de convivência do Caps; fizemos em uma sala com a porta aberta, portanto pessoas circularam por lá e algumas ficaram, cinco pessoas participaram, todas usuárias do serviço. A usuária que coordenou a oficina chegou atrasada; essa é uma das dificuldades que senti no projeto: o de não ter controle sobre o compromisso do outro que se disponibilizou a dar a oficina, e como manejar a falta, sendo que tem aqueles que se dispuseram a participar e estão aguardando pelo grupo. Inclusive profissionais do Caps deixaram-me com esse medo ao afirmarem que a A.J. não cumpria os combinados. Mas apesar do atraso, ela apareceu.

Estava bastante disposta a ensinar, mas **colocava o desejo em mim**, como se eu que quisesse que a oficina acontecesse e não ela que tivesse interesse em ensinar. Falei: ***“Que bom que você chegou, vamos lá começar?”***, ***“ah, você quem sabe, se você quiser podemos ir”***. Durante o desenvolvimento da atividade fiquei surpresa com a desenvoltura de algumas usuárias, as quais mal falavam em outros espaços do Caps e que naquela oficina mostraram grande habilidade com a atividade e falavam de algumas experiências pessoais. M.G. foi uma delas. Chegou na oficina para ver o que acontecia, mas a princípio não quis participar. Não aceitava ser chamada pelo nome, e estava um pouco hostil. Sentou-se conosco e ficou observando. Em um dado momento demonstrou interesse em fazer também. Sentei do seu lado e dei o pano e caneta para que fizesse seu desenho. M.G. não aceitou pegar na caneta, afirmou que não sabia fazer o desenho, que ficaria feio. Falei que faria ao seu lado. Depois ela aceitou pegar o pano e agulha e depois das primeiras orientações de A.J., foi fazendo sozinha, com bastante desenvoltura; em um dado momento afirmou ***“eu já fui bordadeira”*** e contou um pouco de sua experiência com a costura. Achei muito interessante!! N. foi outra que me chamou a atenção, demonstrou bastante desenvoltura com a prática do bordado, fiquei surpresa. Nos meses seguintes que não houve a oficina por diversos motivos, N. procurava diversos profissionais solicitando a continuidade desse projeto e o desejo de continuar seu pano de prato e aprender outras técnicas, para aprimorá-lo, como o crochê. Portanto a oficina despertou outros interesses nos participantes. Mas voltando para a dinâmica do grupo, algumas colocações chamaram minha atenção: A.V., participante da oficina, afirma para A.J.: ***“você nem parece uma usuária”*** e também: ***“fico feliz quando consigo fazer e irritada quando não consigo”***, falando um pouco de sua satisfação de conseguir bordar. E A.J. ficou surpresa quando eu pedi que ela me ensinasse: ***“nossa, eu vou ensinar você?”***.

Essa oficina aconteceu bem próxima de minhas férias; houve então um rompimento. Quando volto das férias, A.J. não estava mais frequentando o Caps, acreditando que não seria mais necessário, pois sentia-se bem. Passaram-se alguns meses para que as referências pudessem discutir com o C.S. seu caso e conseguir dar continuidade ao tratamento. A.J. entrou em crise, e no mês de setembro foi para o Caps de SAMU e ficou no leito-noite. Durante seu leito fomos conversando sobre a retomada do grupo, se ela tinha interesse, falei que outras pessoas tinham interesse, me procuraram perguntando se continuaria (todas elas, em diferentes momentos, perguntaram sobre a continuidade da atividade). A.J. afirmou que teria interesse, mas

que sentia-se desorganizada e pediu que eu esperasse que ela melhorasse, reconhecendo sua crise e as limitações que vivenciava no momento. Interessante a possibilidade de cada um ter um auto-conhecimento, tanto das habilidades quanto das limitações e essa auto-percepção é desenvolvida também na relação com o outro. Na medida em que o sujeito se propõe a passar um de seus saberes, precisa fazer essa análise de sua condição para tal. E essa percepção era ajudada por mim, na medida em que sempre conversa com o oficinairo, perguntava como estava, como pretendia dar a aula, que dificuldades sentiu ou tinha uma expectativa que sentisse. Passado um tempo, A.J. falou-me que já estava pronta e que poderia ensinar ao mesmo tempo bordado, tricô e crochê; ela ainda estava em crise, dentre os vários sintomas, o delírio de grandeza. Fomos conversando e acordando que no momento seria melhor ensinar uma técnica de cada vez, pontuando e manejando suas características em momento de crise a partir da experiência do ensinar. A.J. aceitou. Pouco tempo depois saiu do leito e não retornou ao Caps. Depois de um período retornou ao leito. Demos continuidade ao bordado, e A.J. apontou que ensinar seus conhecimentos em momento de crise é uma maneira que ela se organiza. Ocorreu uma oficina. Dois homens participaram, e A.J. ficou muito contente e animada com isso; ensinou bordado à homens! Achei interessante que quando estávamos marcando a próxima, A.J. sugeriu que as pessoas fossem até a casa dela (pois não ficaria muito tempo no leito) e a partir desse convite as pessoas foram falando onde moravam, reconhecendo que alguns eram vizinhos, e se propondo a se encontrar em outros lugares que não o Caps.

A.J. saiu do leito, e suas referências e ela construíram um PTI em que ela iria ser acompanhada no C.S. Santa Rosa, que estava em processo de abertura. Em um dado momento fui com sua referência a sua casa, e juntas fomos conhecer o centro de saúde. A.J. me apresentou aos profissionais do C.S. como sendo sua amiga, rompendo a relação hierarquizada entre profissional e paciente; juntas falamos do projeto do Clube dos Saberes e da oficina de bordado; A.J. se ofereceu para ministrar essa oficina no Centro de Saúde, e a proposta foi bem aceita. Iniciou-se ali um novo processo de vinculação, não centralizado na doença, mas na potencialidade.

Oficina de Poesia

Essa oficina foi coordenada por G., usuário, no início do mês de julho. Propus, a

princípio que poderíamos fazer na biblioteca do CECCO. G. afirmou que preferiria que fosse dentro do Caps, pois no CECCO seria mais difícil ter adesão dos usuários. Fizemos então no próprio Caps, em um momento depois do lanche da tarde. A divulgação foi feita por cartaz e no momento do lanche G. reafirmou o convite. Participaram da oficina seis usuários. Achei que essa foi uma das oficinas com mais dificuldade no processo grupal; pessoas que se interessaram não sabiam escrever e G. não teve muita paciência em lidar com as diferenças e dificuldades dos outros; afirmou para mim: *“faça para você que só poderia participar quem soubesse ler e escrever”*, mas não havíamos conversado sobre isso. G. recitou sua poesia, e a partir desse estímulo cada um foi escrevendo o seu texto. Posteriormente G. aceitou ficar mais próximo das pessoas que apresentavam mais dificuldade, ajudando-as no processo de criação e passando sua técnica de rima. No final fizemos uma rodada em que todos leram suas produções. Chamou minha atenção a produção de M.G. que escreveu uma carta a seu filho e expressou seu sofrimento e emocionando-se de forma intensa. C. falou sobre sua saída do Caps Integração, um espaço para essa elaboração. Por fim, o grupo decidiu que gostaria de expor as poesias no mural do Caps. Fomos todos juntos pregá-las no mural do refeitório.

Oficina de Forró

I., usuária, demonstrou interesse em coordenar a oficina de forró. Afirmou que foi bailarina, que adorava dançar. Nesse processo de construirmos o projeto da oficina, I. passou a soltar os cabelos que andavam sempre presos e brancos, passou a pintá-los e iniciou um relacionamento amoroso. I. é avaliada pela equipe como uma pessoa com dificuldade de ocupar outros espaços que não o Caps e expandir sua rede de relacionamentos e afetos, sua rede de suporte. A partir dessa sua dificuldade, propus que as oficinas fossem ministradas no CECCO compondo essa atividade no seu PTI; no CECCO I. poderia conhecer pessoas diferentes, experienciar estar em outros espaços. Amarramos os dias (quatro encontros), horário, material, fizemos a divulgação (cartaz, convite pessoal, convite em assembléia, e divulgação no CECCO para quem já freqüentava algumas oficinas). I. mostrou-se bastante motivada e ansiosa. Porém, no dia da primeira oficina I. não compareceu, apenas deixou um recado com seu namorado de que estava passando por problemas familiares. Aproximadamente doze pessoas

compareceram para a oficina. Fiquei sem saber o que fazer. Um dos interessados afirmou que tinha noções de forró e que poderia dar a oficina. Dessa forma, a oficina de forró aconteceu naquele dia. Na semana seguinte, conversei individualmente com I. sobre as dificuldades que ela sentiu. Ivandra afirmou que desejava continuar com o projeto e se comprometeu a avisar caso houvesse outro imprevisto. Conversamos sobre as implicações de se responsabilizar por ministrar uma oficina. Reacordamos a próxima oficina. Na semana seguinte I. novamente não compareceu e também não avisou. Fiquei novamente em uma situação desconfortável. No CECCO fizemos uma roda de conversa com os interessados em participar da oficina, e um deles (diferente do que ministrou a primeira oficina) se disponibilizou a passar o seu saber sobre o forró. Assim a oficina aconteceu novamente. A partir de então, a oficina de forró ganhou esse caráter de a cada encontro alguém ensinaria seus conhecimentos sobre o forró. Em um dado momento, M. (usuária do Caps) se interessou em passar seus conhecimentos; M. estava em crise, no leito, e essa atividade pôde organizá-la psiquicamente e resignificar sua inserção no Caps naquele momento; M. tem um histórico de não aderir ao tratamento e só procurar o Caps em situações de crise.

Essas oficinas continuaram com a proposta inicial dos quatro encontros, porém com a reconfiguração de que a cada encontro teríamos um professor diferente. Depois que os quatro encontros terminaram os participantes manifestaram-se a favor que essa proposta continuasse. R., um dos frequentadores do CECCO, se propôs a dar continuidade às oficinas, que passou a ser chamada de “Arrastapé do R.”, numa perspectiva de oficina de auto-gestão.

Essa experiência também proporcionou a criação de um espaço na grade de atividade do CECCO em que outras pessoas pudessem passar os seus saberes, um desdobramento do Clube dos Saberes no Centro de Convivências.

Oficina de Informática

N., usuária, demonstrou interesse em aprender informática. No CECCO havia essa aula, mas estava suspensa e o profissional que era responsável iria sair do serviço em breve; ele disponibilizou-se para fazer uma capacitação aos interessados em dar continuidade nessa oficina a partir de então. Conversando sobre a possibilidade em fazer uma capacitação e os princípios do Clube dos Saberes, chegamos à idéia de

capacitar um usuário do CECCO, membro da comunidade, que tem habilidade com informática e interesse em ensinar/orientar a aprendizagem em informática. Com isso, acredito que poderia haver um fortalecimento da própria comunidade, e uma apropriação maior do espaço do CECCO e dos modos de usá-lo. A idéia, porém, não se concretizou, pois houve dificuldade do membro da comunidade em ser capacitado, apesar de seu interesse. Houve dificuldade da própria equipe do CECCO em se organizar para realizar essa capacitação. Plantou-se, porém, uma idéia.

Referência Bibliográfica

ALTOÉ, Sonia (org.). **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARBIER, René. **A Pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BARROS, Regina D. Benevides. **Grupos: estratégia na formação**.

BEZERRA Jr., Benilton. Prefácio In: BRAGA CAMPOS, Florianita Coelho (org.) **Psicologia e Saúde: repensando práticas**. Hucitec: São Paulo, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GUATTARI, Félix. A transversalidade. In: ____ **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade In: ____ **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUERRA, A. M. C. Oficinas em Saúde Mental: Percurso de uma História, Fundamentos de uma Prática, In: **Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental – Sujeito, Produção e Cidadania**. Rio de Janeiro: Contracap, 2004.

HESS, Remi & SAVAYO, Antoine, **L'Analyse Institutionnelle**, (Que sais-je?) 2ª ed., Paris, PUF, 1993, cap V, p. 53-61. (1ª ed. 1981) [Tradução de Ana Lúcia Abrahão da Silva e Lucia Cardoso Mourão-Colin. Revisão de Solange L'Abbate.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MOURA, Arthur Hyppolito de. **A psicoterapia institucional e o clube dos saberes**.

Editora Hucitec. São Paulo, 2003.

KAES, René. Realidade Psíquica e Sofrimento nas Instituições. In: _____ **A instituição e as instituições**: estudos psicanalíticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. pp. 19-58.